

FOGUETÓRIO

Contava meu pai que Mazinho, ex-soldado da FEB, torneiro mecânico que morava na Rua Antônio Rocha, filho do Seu Custodinho de Assis, chefe de trem da RMV, comprara um Ford 48, o que demandava tirar carteira de motorista. Treinou com perseverança, paciência, meticulosidade e precisão, virtudes advindas da sua profissão. Chegado o dia do exame de rua, lá foi o Mazinho em seu próprio carro percorrer o trajeto estabelecido pelo examinador: — *Vire à direita; vire à esquerda; estacione ali naquela subidinha; desligue o motor; ligue e arranque...* Ao passar em frente à Santa Casa da Misericórdia, o examinador perguntou: — *A buzina está funcionando?* E o Mazinho, cheio de si, não pestanejou, fom, fom, fom... — *Tenho duas, bi, bi, bi, fom, fom e bi, bi e ainda argumentou: — Cuido muito bem do meu carro. Resultado do exame: reprovado. No relatório constava: — Fez tudo direito, mas buzinou em frente do hospital.*

Ontem, altas horas da noite, ouvi uns tantos estrondos fortíssimos, semelhantes aos morteiros que o Mazinho deve ter ouvido nos campos da Itália. Hoje, 24 de setembro, dia de Nossa Senhora das Mercês, o barulho foi impressionante. Havia foguetes de várias espécies, cujos estrondos faziam tremer as janelas e alguns subiam ao céu escuro como espermatozóides ensandecidos à procura de um óvulo.

Dizem que é proibido buzinar em frente dos hospitais. Quem não observar o preceito poderá ser multado ou reprovado no exame.

Oyama de Alencar Ramalho
24 de setembro de 2010